

BIBLIOTHECA PUBLICA
Estado de S. Catharina
FLORIANOPOLIS



ABRIMOS AS PORTAS CARNAVALESCAS.....

«A Ventarola»

28 de Fevereiro de 1897.



O CARNAVAL

Com todos os receios de uma estréa, da qual a maior parte das vezes depende o bom exito do futuro, apresenta-se hoje em publico — A Ventarola.

A politica, que hoje infelizmente domina todos os espiritos, toma parte em todas as palestras e intro-mette-se em todos os actos da vida, não terá occasião de arvorar o seu estandarte em nossas columnas.

As alegrias e loucuras do velho e tradicional carnaval, nos indicarão o caminho a seguir nestes dias.

No meio em que vivemos, assistindo sempre á mesma comedia, em que os actores só são substituidos periodicamente; em que, ora cheios de esperanças, ora vergados ao peso da descrença, nem temos ás vezes coragem para rir francamente e applaudir ou patear, é justo que uma vez em cada mez ao menos, a gargalhada da troça venha, como entre-acto comico, dar outra direcção aos nossos tristes pensamentos.

Nestes dias que, apesar da alta temperatura e baixa do cambio, já se não atira sobre o suarento passeio o cascudo limão de cêra, embora cheio de finas essencias, e que, felizmente foi substituido pelos inoffensivos *confetti* de variegadas e deslumbrantes cores, e em que cada um tem a liberdade de usar e vender nariz de cêra á vontade, é preciso que faça tambem parte da moda — A Ventarola — e que lhe seja permittido entrar tambem em scena para rir e folgar e, com traços alegres de um lapis despretençioso, possa sublinhar os typos folgazões ou serios, velhos ou moços, que o binoculo da troça possa alcançar nas loucuras carnavalescas dos tres dias.

Será bem aceita ?

E' o que esperamos, pois ninguém a deve esquecer n'estes dias de festas e de calor.

No dia em que o prazer rebenta o cós ás calças,
Num doudo gargalhar que anima e que consola,
Apparece sorrindo e sem idéas falsas,
Gazil e petulante, a branda Ventarola,
E, viva, se agitando, em jubilo fremente,
Manda longe o calor, saúda a toda gente !

O. Livio

Estamos sob o reinado do deos Momo.

O povo, entregando-se aos folguedos carnavalescos, esquece as maguas que opprimem seu coração generoso e, afivelando a mascara, chocalhando o guiso, rufando caixas de guerra, diverte-se francamente, rendendo a Momo o culto da... gargalhada, da troça barulhenta, da critica mordaz e fina.

O Entrudo, esse barbaças ousado, que era causa de fortes constipações duplas pneumonias, tisticas galopantes, si teve dias de triumpho, é hoje execrado pelo povo, que, condemnando o estúpido *limão de cheiro*, — substituiu-o pelos delicados *confetti* e pela vistosa *serpentina*.

Já não ha Entrudo

Os *confetti* que, pela sua extrema delicadeza, se impozeram ao bello sexo, tem livre curso nos salões da aristocracia, conquista que nunca o Entrudo alcançou.

E como está por isso satisfeito o bello sexo, que tantas vezes foi victima das imprudencias do selvagem Entrudo que, affrontando a Lei, desrespeitando a autoridade, ostentava nas praças e ruas sua popularidade que parecia ser inabalavel ?

A mocidade diverte-se.

Momo, o velho truão, o deus grotesco, está entre nós.

Abandonando o céu das divindades pagãs, creadas pela mythologia que já mereceu o culto de povos adiantados, Momo desceu á terra para desopilar o povo com a graça dos seus ditos facetos, com o *sal* das suas ironias, com os seus me-neios de jogral.

Velho, mas parecendo moço pelo seu espirito, pelas suas diatribes, pelas suas pilherias — Momo não só diverte a mocidade que se entrega aos folguedos, como tem o magico poder de remoçar os velhos.

Estes, atirando para o canto o rosario, e esquecidos dos annos que fazem curvar a espinha dorsal, partilham das ruidosas festas carnavalescas e, lembrando-se dos

tempos em que eram fortes, expansivos, namoradores e trocistas, lá vão, de cara alegre, flôr na lapella, com sorriso de duração ephemera a brincar nos labios descorados. — no meio da turba que se acotovela, que gargalha, que galhofa com toda a liberdade.

Pobres velhos !



O povo está satisfeito.

Na expansão do seu contentamento — julga-se feliz.

No céu da sua vida não vê hoje nuvem escura que obumbre o sol das suas alegrias

Mas deixemos o povo divertir-se e... façamos ponto.

Bias

Momo

Eia !

Salve !

Eil-o que surge — elle, o deus do sarcasmo e da folia alegre e folgazã, o filho do Somno e da Noute, o motejador infrene e sem igual ante cuja ferina lingua ninguém escapou, á excepção de Venus, na adoravel corte do Olympo !

Vem sacudido e prasenteiro, pirapoteando, galhofeiro, troçando o burguez pacato que depara, todo de preto, ao dobrar de uma esquina, de palito na bocca, cartola no alto da corda, impertigado com ares de conselheiro (sem ser o da Bahia) como si fosse assistir a um acto solenne da semana santa !

A ninguém perdôa, elle, o terrivel Momo, o expulso do sublime Colyseu dos deuses, o amigo inseparavel de Baccho, ri-se e de tudo chalça, ateando a discordia aqui, fazendo uma intriga acolá, descobrindo uns *segredinhos* ainda além, satyrico e zombeteiro sempre, a ninguém poupando desde os escandalos de *boudoir* até as decretaes dos santos padres da nossa Madre Igreja, que condemnam os folguedos desvairados desses tres dias de loucura, melhores por certo que todas as delicias do paraíso dos fanaticos dos Canudos.

Salve, carnaval infrene, prodigo garrulador que nestes tres dias de dulçurosa loucura nos enche a alma de alegrias infindas, tomando parte nas suas gloriosas festas que nada têm que vêr com as do boi Apis dos egypcios nem com as do *Phurim* dos judeos !

Salve, terrivel gracejador, ri-te, diverte-te, pilheria, zomba dos bobos e das sogras, e si alguma d'estas te fizer uma carranca feia, não te incomodes com isso, segue o teu caminho, deitando sempre uma allinçada bem picante na cara de qualquer burguez.

Dó-Minó.

As festas carnavalescas este anno attingirão ao maior esplendor, taes são os aprestos que se fazem e o entusiasmo que reina.

As sociedades *Netos do Diabo*, *Pantomimeiros* e *Guaranys* preparam-se para a lucta e promettem apparecer de modo deslumbrante.

Além d'essas sociedades, teremos ainda para desfastio dos melancolicos os classicos *sujos*, que servirão para divertir o publico e dizerem no dia seguinte, cançados, cheios de pó, completamente derreados pelas troças de que foram alvo:

— Nunca me diverti tanto !

N'este tempo, de que muitos gostam, em que—*o sol applica á terra um caustico de brazas*; em que as camarinhas de suór correm da testa como pingos de rapé do nariz de uma sogra... (si é sogra que toma rapé); em que todo mundo sopra como os odres de Eolo,—a *Ventarola* vem satisfazer uma necessidade e preencher uma lacuna bastante sensível.

A ventarola tem servido, desde que foi inventada, para afastar o calor e passar telegrammas de amor; mas a *Ventarola*, que não tem geito para fazer de Mercurio, servirá hoje para abrir a porta ao carnaval, e de hoje em diante para ser lida duas vezes por mez e caricaturar a quem estiver no caso de ser caricaturado.

A *Ventarola* abre-se ao baifejo da benevolencia publica, sem pensamentos occultos nem opiniões politicas

Não apresentará chapas, não cabalará nem tomará parte em eleições. Em compensação, porém, terá desenhos, versos, prosa... e o mais que possa apparecer, sem prejuizo de ninguem.

A *Ventarola* surge n'um dia de prazer, de loucuras e de festas: o seu nascimento, pois, é rodeado de flôres, de risos e de encantos. O seu mais querido desejo é que a sua vida seja longa e seja feliz como o seu nascimento.

Está aberta a *Ventarola*. Quem quizer refrescar-se chegue-se para cá e... tome uma assignatura!

REFLEXÕES

A sociedade não pôde assistir estacionaria, immodificavel, ao desdobrar do tempo.

E' um corpo que obedece aos multiplos agentes que o rodeam, aos diversos influxos que o envolvem, fazendo-o pensar e sentir igualmente como o homem pensa e como homem sente.

O aperfeiçoamento, a consagração da Verdade, resulta do encontro das paixões que preoccupam aos homens, dispersando-os deante da ficção que baquêa e desaparece para reunil-os em torno do principio, ou da escola, que triumphava e prepondera.

A civilização é o producto d'essas resistencias que observamos no dominio do pensamento universal.

Propriamente função da sociedade, por isso mesmo a civilização proclama e impõe hoje, dando-lhe fóros de moral aperfeiçoada, de habito proveitoso, exactamente aquillo que, ainda hontem, parecia-lhe utopia de espiritos sem cabedal, desvario de sonhadores desequilibrados

Exemplificando: quando alguém, ha pouco tempo ainda, no anno passado, ousava fallar contra o brutalissimo jogo de limões, escrever condemnando esse attentado á saude publica—era voz no deserto, era penna na arêa em campo aberto, porque os limões não retrahiam-se, campeavam como impunes zombadores da prohibição estabelecida na lei municipal.

O povo, que tantas vezes padece a consequencia dos seus delirios, das suas inconsciencias; o povo, andando no carnaval sempre molhado, sahia do carnaval sempre doente, á procura do medico para escrever-lhe receitas e rumo da pharmacia a comprar tisanas.

Agora o entrudo tem feição nova. Chove *confetti* nos salões, nas ruas, nas praças e nos jardins, e as *serpentinhas* enredam arvores e sacadas como tentaculos que o deus do dia estende, colhendo e fundindo este povo inteiro em um só corpo para dar-lhe uma só preocupação.

Quem viesse por ali a puxar para traz n'esse aperfeiçoamento pelos *confetis* e pelas *serpentinhas*, havia, certamente, de ganhar muito menos do que honras de oraculo que celebrisam o *Conselheiro* entre os sertanejos do norte.

Havia de levar, talvez, um bom gilvaz á cara para ficar sendo conhecido em todo o seu peso e valor de arlequim que toma de taboa.

Graças a esse melhoramento de costumes, graças ao saneamento social, trazido pela moderna feição do entrudo!

Ha de isto, sem duvida, muito influir para a nossa capital concorrer e assistir ao carnaval deste anno, inspirada pelas mais agradaveis e sympathicas disposições, de sorte que as surpresas e os esplendores que as sociedades carnavalescas vêm exhibir, possam ser admirados sem incommodos, nem perturbações.

Para andar-se molhado, distillando agua, de manhã á noite, basta o calor que ahi está accusado no thermometro a trinta e mais grãos á sombra.

L. B.

Evohé!... Evohé!...

Hoje é o grande, *espantafaloso* e *carnavalesco* dia em que a valorosa mocidade, ardente de desejos, dá principio aos folguedos decretados pelo rei da panlega, no mais subido grão de entusiastica febre em homenagem ao patusco Memo, que a vê cabriolando, rindo, *confettizando* e *serpentinizando*.

Avante, mocidade!... mostrai-vos, como sempre, dignos filhos do Sol e da Noite, porque só assim receberéis em ordem do dia os merecidos louvores de Belzebuth!

Com todo o direito o dia de hoje vos pertence: ninguem, por mais alto, baixo ou *boufanticamente* gordo terá força para paralyzar os vossos graciosos movimentos excitados pela calorica, *diabolica* e *pantomimica* atmosphera, quando os disciplinados soldados do exercito de *Momopolis* apossarem-se das praças e ruas fortificadas com trincheiras de *confetti* e *serpentinhas*, para receberem as ovações a que tiverem incontestavel direito pelas suas bravuras e grandiosas idéas que apresentarem.

Povo, abri ala!... deixai passar carnavalescamente os intemeratos NETOS DO DIABO e PANTOMIMEIROS que, ao som agudo dos seus clarins e dos sons melodiosos das bandas marciaes, farão *dinamicamente* estourar corações de velhas rabugas e nadar em mar de odoríferas flores os das graciosas jovens, que já se prepararam para, alegres, receberem as sociedades n'uma espessa nuvem de *confetti* e *serpentinhas*.

Povo, abri ala!... deixai que a heroica soldadesca *momopoletica* se debata livre e entusiasticamente no honroso campo das idéas para, depois de concluida a acção bellica, receber os louros da victoria aquella sociedade que mais digna d'elles (louros) se mostrar pelos trabalhos que exhibir.



O dia de amanhã é consagrado aos valentes GUARANYs que não obstante viverem modestamente nas suas florestas, afastados das grandezas do mundo, provarão o gosto e habilidade que presidem os seus trabalhos artisticos, não ficando, como é de esperar, aquem das suas coirmãs.

Em homenagem, pois, ás sociedades carnavalescas existentes em nossa capital, bradamos:

VIVAM OS PANTOMIMEIROS!

VIVAM OS NETOS DO DIABO!

VIVAM OS GUARANYs!

«A Ventarola»

I

Na estação que atravessamos,
estação que nos amola,
immenso serviço presta

A Ventarola

II

Os rapazes do collegio,
as raparigas da escola,
dizem a papá:— me compre

A Ventarola

III

E a propaganda está feita,
si não me engana a cachola.
Com vantagem já se impõe

A Ventarola

IV

Na estação que atravessamos,
estação que nos amola,
immenso serviço presta

A Ventarola

HOMENAGEM D' "A VENTAROLA" as dietimctas sociedades carnavalescas "PANTOMIMICOS" "MITOS do DIABO" e "GUARANY".



UM MANIACO

Era uma alma doentia, corroida pelo virus, unica herança que tivera de um pae, que elle não chegara a conhecer, caindo atravez de recordações muito vagas.

Soffria de *nevroses* e tinha ás vezes, aborrecimentos terriveis por qualquer incidente minimo que se dava na sua existencia morbida, e mansa sempre como a coloração exalvçada de um luar.

No meio de todas as diversões, a que os seus collegas se entregavam em absoluto, por um communismo de classe,—elle permanecia no mais completo indifferentismo, mergulhando-se nelle até o abysmo profundo do seu aniquilamento, do qual não conseguiam arrancal-o.

Ninguem comprehendera jamais aquelle genio extraordinario, na aquiescencia de uma vontade imperiosa que era uma das partes essenciaes da sua vida, que elle fazia reviver todos os annos, como o germinar periodico de uma planta.

Consistia essa phase de sensação para elle, no carnaval. A sua imaginação escandecida parecia reviver então, nesse decurso de dias, como um brazido abafado pela cinza, que uma rajada espalhasse.

É o carnaval, com o seu guisalhar estridente e pela sensação deliciosa das cores, conseguia extasmar-lhe a alma, adquiril-o inteiramente, fazendo-o pensar todo um anno na impressão que lhe deixavam aquelles dias saudosos.

* * *

Com tres mezes de antecedencia, mandara vir de Paris os mais exquisitos figurinos e até dias antes do carnaval não se resolvera a escolher, esperando sempre receber outros mais elegantes para que a sua phantasia fosse a melhor, fosse a de mais gosto.

Pronunciou-se por fim por uma vestimenta á epocha Luiz XVI, extraordinariamente bella, na qual as cores e os tecidos eram substituidos por outros, obedecendo simplesmente á sua esthetica, formando um *pastiche* de figurinos diversos.

Ao dia seguinte, o seu nome seria citado pelos jornaes como o de um heroe popular, precedendo á descripção completa do seu triumpho, aureolando-o de incomios.

E no decurso desse delirio que o não deixava dormir descansado, elle, alta noite, evantava-se, ás vezes, para olhar a veatimenta, embebecendo-se em contemplal-a em todos os sentidos, imaginando o effeito que produziria, entre fogos multicores, aquella figura grotescamente historica sobre um carro sumptuoso.

* * *

Sem o sentir, andava doente, no entanto. Um *tic* de tosse secca, proveniente de uma constipação mal curada, ia-o definhando aos poucos, como o dissolver suavissimo de uma nuvem.

Era a molestia hereditaria que vinha apparecendo, tomando-lhe successivamente todos os orgãos.

A mãe, bella e fragil creança, vergonhea de uma familia de hecticos—fôra seduzida por um bohemio adoravel, mas gasto por excessos de extravagancias, que morrera uma manhã de primavera, ao romper sorridente de sol, no abandono de um hospital, ao mesmo tempo que a esposa deixava-se corroer pela molestia terrivel da familia, entre as quatro paredes de um quarto de estalagem.

O filho herdara de ambos os seus males. Quando nascera, a mãe horrorisava-se de vêr aquelle entesinho que mal podia soltar um vago, deformado pelo virus.

Assim fôra crescendo e á custa de cuidados, pudera melhorar, mas o mal tinha-lhe affectado o cerebro.

Aquella loucura pelo carnaval, a abstracção constante do seu espirito não lhe deixavam tempo para pensar na enfermidade, que ia desenvolvendo gradualmente, arrastando-o ao pelago da sua vicissitude, até que um dia elle achou-se mal e não pudera mais levantar-se.

A tuberculose tinha-se manifestado em todo o seu periodo de acção.

* * *

No dia do carnaval, ao amanhecer, peiorara enormemente; todos previam o momento derradeiro d'aquella alma já quasi sem corpo onde aninhar-se, e elle mesmo conhecia que a sua vida era por instantes...

Na rua, desde cedo, começara a ouvir-se o ruído de guizos, uma algazarra estridula de mascararas esparsos.

Aquella vozeria fazia-lhe mal, lembrando lhe que nesse dia elle devia divertir-se tambem, e, no entretanto, a sua roupa de carnaval, a sua bella vestimenta que seria um triumpho nesse anno, permanecia esquecida no escuro de um guarda roupa, abandonada como um traste que se tornára inutil antes de usal-o.

Pedió por monosyllabos quasi incomprehensíveis que a collocassem junto delle, no reborde de uma cadeira. Queria ainda uma vez vel-a antes de morrer, gosar ainda que por um instante a impressão alegre dessa *camara ardentemente carnavalesca*.

Nos seus labios, já exangues, finos, esbatidos sobre aquella pelle branca, quasi transparente, desenhou-se um sorriso que era a manifestação do seu ultimo desejo.

Fez, então, um esforço inaudito para fallar. Não pudera. Deram-lhe um lapis e papel e elle escreveu qualquer coisa — apressadamente, tremula a mão, impulsionada por uma contracção de nervos—que foi traduzida nestas palavras: — «Quero meu corpo amortalhado na minha vestimenta de carnaval.»

Era o seu ultimo desejo. E morreu suavemente, transportando-se a alma com a placidez de um vôo de passare.

A. M.

CARNIVAL

Salve, 28 de Fevereiro!

Salve os carnavalescos S. Romão e S. Leandro de todas as folhinhas, almanacks e calendarios de 1897!

Salve tambem a memoravel data de 28 de Fevereiro de 1854 em que foi substituido o carunchoso entrudo por carros e cavalgatas de mascararas.

Salve, finalmente, todos os pandegos foliões, desde o negrita, o diabinho, a naceió com as competentes varas de marmello, até o admiravel Princez que, de carro ou a pé, passa mudo, ostentando luxuosa e scintillante phantasia!

Fôra os desgostos e as tristezas!
Viva o prazer e a alegria que o dia de hoje nos vem trazer.

Mas... que sons são estes que ao longe ouço?!

Parecem-me de clarins que executam a marcha da *Aida*!

Sim, não me engano: é a celebre marcha de Verdi entoada por clarins.

A multidão que enche de lado a lado a praça 15 de Novembro e escadaria da igreja começa a correr em diversas direcções, cada qual

procurando melhor logar para vêr... o que?

As briosas sociedades *Netos do Diabo e Pantomimeiros*!

Bravos! Hurrahs! aos distinctos prestitos das sympathicas sociedades!

Corram todos, moços e velhos, e vós, ó gentis e encantadoras catharinenses a receber, como merecem, com risos, palmas e flores e... *confetti e serpentinas*... cá de casa os briosos carnavalescos.

S.

SONHO DE UM INSTANTE

Sol de Janeiro. Quente, aspero, dardejando raios incandecentes sobre a terra, que arfa, cançada, com somnolente quietação.

Nem a mais leve aragem.

Com essa abundancia de luz tudo parece levemente tremer.

Zizi, um formoso e louro bebê de 9 annos apenas, afogueado de tanto saltar, atira-se sobre o tapete da sala, onde em desalinho, os cabellos esparsos, Lulú, a bella e morena priminha, pensativa, contempla o casal de canarios belgas cor de gemma de ovo, na faina alegre de fazer o ninho.

Lulú, tem 14 annos.

Zizi, encosta a cabeça loura no collo da prima.

O fegoso canario quebra aquelle silencio, n'um trinado ternó e mavioso, azas abertas em perseguição da canaria, que foge, voltêa até que enfim aproximam-se, confundem-se e cahem ambos no mesmo ponto, os biquinhos levemente abertos, pipilando ambos, enlevados em oração fremente de goso.

Lulu, com os olhos pretos languidos a despertar ternas malicias, as faces rubras como maçãs a provocar caricias, os labios rubros entreabertos, ao contemplar a cabeça loura de Zizi, vai disfarçar na sua bocca nacarada, e n'um beijo prolongado e doce de desejos, a perturbação d'aquelle instante supremo e de supremo sonho...

Zizi ergue os bracinhos e enlaçando a cabecinha da prima, exclama n'um grito de surpresa mal sonhada:

—Oh! como são quentes os teus beijos, priminha...

E o casal de canarios continúa, alegre, a fabricar o ninho.

Tec

NETOS DO DIABO

S. C. Pantomimeiros

G. C. Guarany

Nem a preocupação em escolher o tecido, combinar o enfeite e o aviamento que possam copiar, fielmente, o figurino escolhido para a guarda ou para o carro, nem a actividade em que vai o galpão, onde, de vez em quando, ora um procura, ora um espera. o pinzel ou o martello, a thesoura ou o serrote, com que o outro trabalha—tem bastado para preencher o tempo áquelles que vão fazer as festas de hoje!

E como si estas não estivessem sufficientemente annunciadas pelo Zé Pereira, que tantas vezes tem vindo reunir gente e espalhar maguas, a sociedade *Netos do Diabo* realizou, quinzeira ultima, uma passeiata que teve realce na altura do carnaval d'este anno, embora entre ideal-a e fazel-a, entre grupar os entusiastas e providenciar sobre outros elementos precisos, como os cobres para a musica, para os fogos, *confetti* e *serpentinhas*—mediasse uma hora, ou menos, talvez.

Foi um dizer a idéa e logo muitos metteram-se a pratical-a.

Foi, portanto, mais um caso em que a suggestão operou rapidamente, o que, com licença dos acerrimos contradictores d'essa grande força, attribuímos ás sympathicas disposições em que, na sociedade *Netos do Diabo* anda o espirito dos moços.

E esses entusiastas não cançam: ali vêm hoje e virão amanhã, alegres e contentes como hontem.

Têm razão os velhos: só a mocidade é forte para as grandes expansões...

Procedente de Paranaguá, achase entre nós, o nosso distincto conterraneo Julio Silveira de Souza, 1º escripturario d'aquella alfandega.

Aurora do Carnaval

Quando a alvorada de hoje de purpura o céu tingia, pulei da cama contente para esperar a folia.

Desde logo o povo em massa entregou-se á actividade, dando gasto ás *serpentinhas*, *confettisando* a cidade.

Subindo o lado da praça vi tamanha multidão que fiquei admirado!... Me despertando a attenção,

corri ao ponto indicado e vi que o povo queria só comprar as *serpentinhas* —na porta da padaria.

K. Dete

Procedente do Rio Grande onde reside, chegou a exma. sra. d. Anna Xavier Ferreira de Mello, mãe do nosso particular amigo Adolpho Ferreira de Mello.

Realisar-se-á amanhã, no theatro *Alvaro de Carvalho*, o baile desta sociedade.

Confesso: achei genial, venham contestar, embóra, annunciar o carnaval assim com o O de fóra!

BAILE

Effeituar-se-á hoje, no predio n. 13 da rua 16 de Abril, o baile do G. C. Guarany.

De Santos, chegou o nosso coestadano Constancio Alves, que se acha empregado no commercio d'ali.

?

Depois da festa eu desejo Com muito gosto saber A que tinha de sobejo Garrafinhas para encher ..

Um brindeiro.

EM FESTA

O baile da S. C. *Netos do Diabo* terá logar amanhã nos salões do *Club 12 de Agosto*.

Guizos

Com serpentinhas e flores E turbilhões de *confetti* Eu hoje á tarde, senhores, Pretendo pintar o sete.

Fantasiado á chineza, Impando a pança de grossa, Farei zumbaias á troça Mandando á fava a tristeza.

Ao vêr-me assim pandegando O tédio foge ligeiro; Vou pois uns guizos vibrando A Momo erguer um berreiro!

Zé Folião

O Club 16 de Abril commemora o dia de hoje, offerecendo a seus socios um baile á phantasia.

Em visita á sua familia, chegou ha dias da cidade do Rio Grande o nosso amigo José Glavam.

Este grupo carnavalesco sahirá amanhã á tarde com alguns carros a percorrer as principaes ruas desta capital.

Romperá a marcha a banda musical do Corpo de Segurança, vindo em seguida a guarda de honra, que é dedicada á S. C. PANTOMIMEIROS.

Logo após apparecerá uma *Girafa*, em cujo carro tremulará o estandarte do grupo.

Virá depois um carrinho fantastico tirado por dois golphinhos. E' dedicado á S. C. NETOS DO DIABO e intitula-se *Flór do Mar*.

Em seguida a este surgirá outro carrinho egualmente fantastico, denominado *Galeota Chinesa*. Acompanhando-o virá o *Monumento a Colombo*, seguido logo por uma *Concha*, carro de mutação dedicado ao RECREIO CAIXERAL.

Após isto apparecerão alguns carros de critica.

Será este o itinerario do grupo: Ruas José Jacques, 16 de Abril, praça 15 de Novembro, ruas da Republica, 7 de Setembro, Altino Correia, praça 15 de Novembro, rua João Pinto, praça 13 de maio, rua Tiradentes, praça 15 de Novembro, rua 16 de Abril e galpão.

Commemorando o dia de hoje, o Club 12 de Agosto offerece a seus socios um baile á fantasia.

Publicamos abaixo, para conhecimento do publico, o itinerario de hoje das duas sociedades:

S. C. Netos do Diabo

Sahirá do galpão á rua 16 de Abril, descendo a do Padre Miguelinho, praça 15 de Novembro (lado do novo palacio), ruas da Republica, Tenente Silveira, Marechal Deodoro, Republica, Sete de Setembro, Altino Correia, praça 15 de Novembro, rua João Pinto, largo 13 de Maio, rua Tiradentes, praça 15 de Novembro (lado da intendencia, a subir), rua 16 de Abril e galpão.

S. C. Pantomimeiros

Sahindo do galpão, no largo General Osorio, entrará pela travessa Areão no largo 13 de Maio, rua João Pinto, praça 15 de Novembro (lado da intendencia, a subir, frente á matriz, lado do novo palacio a descer), ruas da Republica, Alvaro de Carvalho, Altino Correia, praça 15 de Novembro, a subir o lado da intendencia, rua Fernando Machado e galpão.



ESPERAMOS QUE AS TRES DISTIN-
TAS SOCIEDADES NOS OFFEREÇAM.....